

FREITAS VALE: O MECENAS DA ARTE BRASILEIRA

Duílio Battistoni Filho

Na história cultural brasileira, os salões literários tiveram uma importância fundamental como elemento aglutinador de intelectuais sequiosos de expandir sua força criativa.

Na primeira década deste século, no Brasil, vamos assistir à decadência dos cafés. Assim sendo, a boêmia se transforma na boêmia dourada dos salões. Surge, então, uma fauna inteiramente nova de requintados, de pessoas de fino gosto que cultivam as artes como um luxo. Os novos burgueses que freqüentam esses salões primam pelo seus trajes executados com muita elegância, segundo figurinistas de Paris e Londres. São pessoas esnobes que vão constituir a juventude dourada. Aliás, o café já não se prestava mais ao ritual dessa camada superfina. Com o advento do chá, não aquele chá pacato e familiar tomado à noite, no âmbito dos casarões patriarcais, mas servido às cinco da tarde de nítida inspiração britânica, faria com que surgisse um novo tipo de reunião, dentro de uma nova mentalidade cultural.

Os salões eram lugares de reuniões burguesas de grande conotação social, onde ver os quadros, no sentido exato do termo, não era o essencial. Os quadros estavam lá, podiam não agradar em cheio à consciência estética acadêmica, mas também não havia consciência crítica formada a ponto de ver ali alguma coisa que perturbasse.

É nesse ambiente que surge a figura inigualável de Freitas Vale, o protetor das artes em São Paulo, aquele que trouxe o espírito parisiense europeu para a pacata cidade do início do século.

Natural de Alegrete, RS, José de Freitas Vale veio ao mundo a 10 de dezembro de 1870. Depois de estudos regulares diplomou-se em Direito em 1891. Foi senador da República por várias legislaturas e poeta simbolista. Muitos de seus poemas eram escritos em francês sob o pseudônimo

de Jacques d'Avray. Chegou a ganhar do poeta Alphonsus de Guimarães o título de "Príncipe do Simbolismo". Foi colaborador assíduo na imprensa paulistana e em revistas como a "Horus" de Belo Horizonte e a da Academia Paulista de Letras.

O seu palacete, chamado de Vila Kyrial, de linhas harmoniosas, ficava nas alturas de Vila Mariana, na atual rua Domingos de Moraes, bairro ainda pouco povoado, ambiente propício ao recolhimento de um poeta.

Sendo uma das residências mais luxuosas de São Paulo, na ocasião, possuía vastas dependências ricamente ornamentadas segundo o estilo "art nouveau", com sala de jogos, adega, uma rica biblioteca¹, salões, cujas paredes estavam forradas de quadros nacionais e estrangeiros, além de objetos de arte como vasos, porcelanas finíssimas, móveis antigos, medalhas raras, enfim, tudo que pudesse agradar o visitante.

Ligado ao PRP, partido do governo do Estado, Freitas Vale, admirador das artes em geral, deu uma nova dinâmica ao seu salão ao receber com carinho, em sua residência, a fina flor da intelectualidade paulista. Verdadeiro cenáculo numa São Paulo provinciana, os artistas se sentiam à vontade para discutir seus projetos, resultando daí uma convivência alegre e fraternal.

O senador gaúcho abria a sua casa às quartas-feiras para receber poetas, músicos, pintores, políticos e amigos. Discutia-se, ouvia-se música com grandes concertos de canto, piano e violino. Em um desses concertos foi apresentada e executada pelo autor, o célebre compositor francês, Darius Milhaud, em primeira audição, uma sonata para violino e piano. O maestro Sousa Lima, assíduo freqüentador do salão, numa determinada época teve que optar entre o desenho e o piano e, graças à influência de Freitas Vale, optou por este último instrumento. Havia ali regularmente conferências sobre Literatura, História e Arte. O apogeu do salão foi, sem dúvida, a segunda década do século. Aos domingos, no salão do subsolo, o almoço era a convite, nunca superior a 50 pessoas. Sua adega, segundo os especialistas era a melhor de São Paulo, predominando os vinhos franceses e italianos.

Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Coelho Neto, João do Rio e Jorge Elpons, entre outros, foram frequentadores da Vila Kyrial. Além de artistas tal casa acolhia figuras austeras como as do Dr. Washington Luís e Altino Arantes, que mais tarde ocupariam a presidência do Estado. Mas o melhor espetáculo dessas reuniões

(1) Havia na sua biblioteca com mais de 40.000 volumes, as primeiras edições dos poetas simbolistas franceses, lançadas no início do século pelo editor Leon Vannier.

era o próprio Freitas Vale com sua conversa imaginosa e fértil, declamando os seus poemas, lembrando episódios de sua vida, transmitindo impressões de leitura, com a voz nítida e empostada e gesticulação perfeita, representando não raro, como verdadeiro ator.

Freqüentando a Vila Kyrial, Tarsila, pintora de grande prestígio, nos conta que o senador não se limitava somente em reunir esses intelectuais e sim ensinava aos jovens poetas como comer à mesa, a servir-se com propriedade dos talheres e diferentes copos, enfim civilizava e ao mesmo tempo, proporcionava um ambiente em que a etiqueta predominava.

Nos domingos de carnaval costumava haver almoços à fantasia aos quais os convidados compareciam mascarados, só se dando a conhecer quando, à mesa, iniciavam a refeição. E seguia-se o curso pela avenida Paulista, em que tomavam parte dos frequentadores do salão, tendo à frente o seu Chefe.

Oswald de Andrade, referindo-se certa vez às reuniões da Vila Kyrial definiu-as como uma "mistura que definia bem a época". Aliás foi ali que conheceu Lasar Segall recém-chegado da Europa. Sob o pseudônimo de Hélios, Menotti del Pichia, em crônicas saborosas no "Correio Paulistano", enaltecia o cavalheirismo do anfitrião em congregar artistas e escritores.

Paulo Barreto em páginas entusiástica e enfática do Pall-Mall exalta as qualidades do senhor da Vila Kyrial. Lá pelas tantas, alude "à sala de banho, vasta como a dos Césares, aos vinhos espantosos, ao órgão do salão, aos cardápios franceses, às iguarias inéditas, aos perfumes, a todos os encantos dessa casa que é uma verdadeira pinacoteca".

Muitos jovens foram beneficiados diretamente pelo senador, obtendo bolsas regiamente pagas, do pensionato para estudos na Europa. Nas artes plásticas, Tarsila, Anita, Brecheret, Wash Rodrigues obtiveram bolsas dirigindo-se a Paris. Apesar da relutância de Freitas Vale essas bolsas forçavam o artista a apresentar testemunhos de seu aproveitamento segundo critérios do ensino acadêmico tão em voga.

O mecenato de Freitas Vale era tão digno de encômios que chegou a apadrinhar a exposição do desconhecido Lasar Segall em São Paulo, em março de 1913. Quando o célebre pintor europeu chegou ao Brasil, recebeu na sua residência a visita do senador e a do Dr. Nestor Pestana. Ambos puderam admirar os seus quadros. A par disso, a família Klabin gozava de grande prestígio na sociedade local e muito contribuiu para tal evento. Aliás, Segall se uniria pelos laços do casamento a uma jovem dessa família.

Entusiasmado pelo talento do jovem pintor, o senador organiza essa exposição com todo o requinte possível na rua São Bento, 85. A imprensa deu grande destaque ao acontecimento que recebeu um bom número de visitantes, embora assustados com o vanguardismo das telas expostas.

Em junho do mesmo ano, Segall participaria de outra exposição, desta vez, no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, já com uma melhor compreensão do público dos aspectos mais importantes de sua obra.

Com a morte de Freitas Vale a 15 de fevereiro de 1958 e a demolição em 1961 de sua mansão, terminaria um importante capítulo da história cultural de São Paulo e do Brasil.